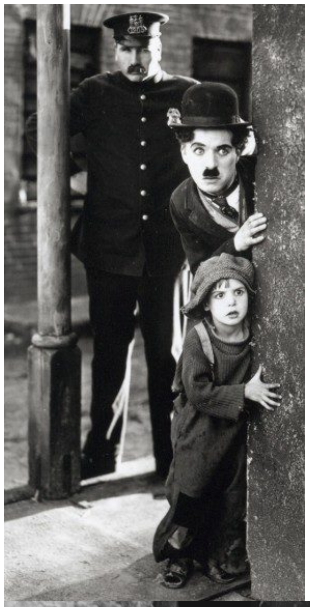
Na sinopse de *The Kid*, exactamente como foi escrita pelo Chaplin Studio em 1921, ao listar o elenco simplesmente como O Homem, A Mulher, O Vagabundo e O Polícia, já temos os elementos constituintes de um drama.

A história começa com A Mulher, "cujo pecado foi a maternidade", saindo da maternidade com o seu filho pequeno. Quando os portões se fecham sobre ela, todos sorriem cinicamente diante da velha tragédia. Vagueando sem rumo, a pobre mãe perturbada avista uma bela limusine, e rabiscando uma nota apressada "para amar e cuidar desta criança órfã", põe ambos lá dentro e apressa-se. Mas subitamente é retida pelas mãos de um bebezinho que inocentemente puxa as suas saias. Imediatamente o amor maternal se acende no seu peito e volta a correr para buscar o seu filho abandonado. Quando regressa, no entanto, o automóvel tinha sido roubado e ela desmaia num desespero patético.

Quando os ladrões, conduzindo o carro por um bairro de lata, ouvem o choro da criança, pegam nela com desdém e deixam-na ao lado de uma lata de lixo num beco sórdido. Charlie, jovial na sua gentileza pobre, sai para o seu passeio matinal, ouve o choro do bebé e procura a sua mãe. Depois de tentar em vão livrar-se daquele fardo, é finalmente compelido a levar o bebé para o quarto do sótão. Aqui vemo-lo lutando por todas as provações da maternidade, pois infelizmente ele tem que representar tanto o papel de mãe, como o de pai.

Durante cinco anos, a criança cresce e um grande vínculo cresce também entre ela e o seu pai adotivo. Na verdade, tornaram-se parceiros inseparáveis nos assuntos da vida: Jackie saía, alegremente para partir as janelas vizinhas, enquanto Charlie o seguia como um vidraceiro itinerante, inocentemente aparecendo logo após os acidentes. Assim, eles têm um negócio próspero, apesar de a polícia suspeitar.





Mas o tempo trouxe outras mudanças. A mãe alcança a fama como cantora de ópera. Apesar do seu sucesso material, no entanto, o espírito materno fala mais alto e acha alívio para a alma ao visitar crianças de bairros pobres, de quem se torna uma verdadeira madrinha. Certa ocasião, ao brincar com uma criança, Jackie abre uma porta e sai. Ela sorri-lhe e dá-lhe um brinquedo, nunca suspeitando que o pequenino é o seu próprio filho. Depois disso, ela encontra-o várias vezes e, numa delas, após uma briga com um garoto vizinho, carrega-o nos braços até ao seu “pai”, dizendo a Charlie que ele deveria chamar um médico. Este chega e quando descobre que o menino não é de Charlie, diz que a criança deveria receber os

devidos cuidados e atenção. A sua ideia de “cuidado e atenção adequados” é relativo ao Hospital Municipal. Ele guarda o pedaço de papel encontrado junto com o bebé e que Charlie lhe tinha entregado.

Os funcionários do Hospital Municipal chegam mas Charlie opõe-se furiosamente às tentativas de remover Jackie, agora em convalescença. Depois de uma dura luta, o menino é levado num automóvel mas Charlie, saltando pelos telhados, resgata o menino das suas garras. Entretanto, o médico mostrou o pedaço de papel à mãe e ela percebe que o rapazinho era o seu filho há muito perdido e decide retomar a busca.

Charlie e Jackie, agora sem teto, não se atrevendo a voltar para o seu sótão, passam a noite numa pensão barata. O proprietário do local reconhece o menino a partir de uma descrição dele colocada no jornal pela sua mãe, e enquanto todos dormiam, retira o menino de Charlie e leva-o para a esquadra. A polícia manda chamar a mãe e Jackie é-lhe devolvido. Charlie acorda e descobre que o menino se foi. Ele está frenético e anda pela rua o resto da noite até cair exausto à sua própria porta. E sonha….

Ele vê o miserável bairro transformado num verdadeiro reino das fadas, à sua disposição. Não há pagamento exceto amor. Os seus antigos amigos e inimigos são todos amigos. Todos têm asas e tocam harpas e outros instrumentos celestes. Jackie está lá e pega em Charlie pela mão. Então, o próprio Charlie descobre que também tem asas brancas fortes e descobre que pode voar. Mas infelizmente ele envolve-se numa luta com o seu antigo inimigo. Tenta escapar voando para longe mas é cruelmente abatido e acorda sendo sacudido pelo polícia a quem ele tinha escapado.

O polícia pega-o pelo colarinho e embrulha-o sem cerimónia ao dobrar a esquina. Para seu espanto, ele é empurrado para dentro de um automóvel à sua espera. Esfrega os olhos e pergunta-se se ainda estará a sonhar. O carro vai a um bairro da moda e pára numa grande mansão. A sua escolta desce, agarra-o pelo braço, conduziu-o até à porta e toca a campainha. A porta abre-se e Jackie e a sua mãe recém-encontrada arrastam Charlie para ficar com eles por algum tempo.





Muitos dos admiradores de Chaplin consideram *The Kid* o seu filme mais perfeito e pessoal. No entanto, parece ter nascido de um estado de forte turbulência emocional na sua vida privada. Em outubro de 1918, Chaplin comprometeu-se num casamento apressado com uma atriz de 17 anos, Mildred Harris. O casal tinha pouco em comum, e o tédio e a frustração pessoais de Chaplin resultaram num bloqueio criativo agudo. Ele escreveu mais tarde: 'Eu estava perdendo o juízo' para ter uma ideia'. Mildred engravidou e deu à luz um menino malformado, que morreu após apenas três dias. Chaplin evidentemente sofreu um trauma agudo com essa perda. Mas as respostas da mente criativa são imprevisíveis. Apenas dez dias depois de o seu próprio filho ter sido enterrado, Chaplin estava fazendo testes com bebés no seu estúdio. De repente, o bloqueio criativo parecia superado. Ele estava absorvido e animado por um novo plano para uma história em que o pequeno vagabundo se tornaria o pai substituto de uma criança abandonada. O filme chamar-se-ia *The Waif.*

Por acaso, ele visitou um music hall onde uma dançarina virtuosa estava se exibindo. No final de sua apresentação, o dançarino trouxe o seu filho de quatro anos – um lindo garotinho chamado Jackie Coogan. Chaplin tinha encontrado a sua co-estrela. Jackie era um mímico nato e podia imitar perfeitamente qualquer ação ou expressão que Chaplin lhe mostrasse. Isso tornou-o o colaborador perfeito.

Chaplin foi o criador supremo e único dos seus filmes. Todos os seus colegas concordaram que, se ele pudesse fazê-lo, teria desempenhado cada papel em cada filme sozinho. Caso contrário, ele procurava atores e atrizes que pudessem e iriam copiar fiel e exatamente o que ele lhes mostrava. Em Jackie Coogan ele encontrou o seu ator ideal. Chaplin nunca pareceu mais obstinado na sua busca característica pela perfeição do que ao fazer *The Kid*.

Ele pacientemente filmou cenas repetidas vezes até estar totalmente satisfeito.

The Kid é talvez o casamento mais poderoso de comédia e alta emoção de Chaplin. O filme foi editado num hotel em Salt Lake City e num estúdio anónimo em Nova York. Houve problemas financeiros com os distribuidores, mas quando *The Kid* foi finalmente lançado em fevereiro de 1921, foi um triunfo instantâneo em todos os lugares que foi mostrado, talvez o maior triunfo da carreira de Chaplin.

Jackie Coogan, aos 7 anos, tornou-se uma celebridade mundial, homenageada por príncipes, presidentes e pelo próprio Papa quando embarcou numa turné europeia. Ele teve uma breve carreira no cinema como ator infantil mas, como declara o engenho de Hollywood, «a senilidade atingiu-o aos 13 anos». O único resultado positivo foi que os problemas muito divulgados de Jackie levaram à introdução de uma lei para dar proteção financeira a crianças nas artes performativas: até hoje é conhecida como «A Lei Coogan».

Tudo isso, porém, ainda estava escondido num futuro distante em 1921, quando *The Kid* deu a Chaplin a única verdadeira co-estrela de sua carreira, e trouxe tanto Chaplin como a criança a um pico incomparável de fama e afeição mundial.

Para Jeffrey Vance, *The Kid* é uma das melhores realizações de Charles Chaplin e permanece universalmente amado pela crítica e pelo público. O filme é uma mistura perfeita de comédia e drama e é indiscutivelmente a obra mais pessoal e autobiográfica de Chaplin. Muitos dos cenários e temas do filme vêm diretamente da infância empobrecida de Chaplin em Londres. No entanto, foi a combinação de dois eventos, um trágico (a morte do seu filho pequeno) e um alegre encontro casual com Jackie Coogan que levou Chaplin a moldar a história da criança abandonada e do solitário vagabundo.

No processo de fazer *The Kid*, Chaplin integrou a comédia com alto drama pela primeira vez numa comédia de longa-metragem – um padrão que ele seguiu e desenvolveu ao longo da sua carreira. Chaplin escreveu: “Houve sátira, farsa, realismo, naturalismo, melodrama e fantasia, mas a premissa de *The Kid* foi uma espécie de inovação”.

The Kid teve sua estreia mundial a 21 de janeiro de 1921, no Carnegie Hall da cidade de Nova York num evento de beneficência para o Fundo das Crianças do Conselho Nacional de Revisão de filmes. É o único filme de Chaplin para o qual todas as críticas aplaudiram em êxtase.

Cinquenta anos depois, Chaplin removeu cenas de “The Kid ”, pensando que poderia parecer muito sentimental para audiências modernas e compôs e gravou uma banda sonora para a reedição teatral do filme. Tinha a sua estreia na gala da *Film Society of Lincoln Center*, de homenagem a Chaplin, realizada a 4 de abril de 1972, no Philharmonic Hall, em Nova York.

The Kid continua a ser uma contribuição importante para a arte do cinema, não apenas por causa da inovação de Chaplin do uso de sequências dramáticas numa comédia de longa-metragem, mas também por causa das revelações que o filme fornece sobre o seu criador. Sem dúvida, quando Chaplin escreveu o prefácio de *The Kid*, intitulado “Uma foto com um sorriso – e talvez, uma lágrima “, ele tinha a sua própria crença artística em mente.



Bibliografia:

– Sinopse de *The Kid*, escrita pelo Chaplin Studio em 1921.

– Ensaio de Jeffrey Vance, adaptado de seu livro Chaplin: *Genius of the Cinema*, Nova York: Harry N. Abrams, 2003.

Foto D.R. The Kid (1921)

Helena Garvão

Lisboa, 26 de janeiro de 2021.